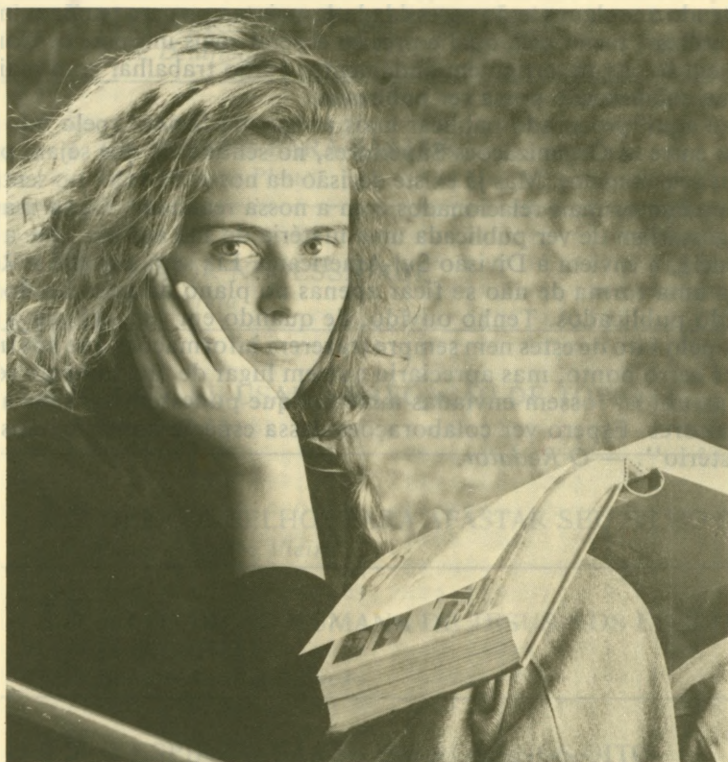


O MINIS/ÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



MULHERES EM TEMPO DE CRISE

Já Enviou Sua Colaboração?

Em editorial recente, falei a respeito da dificuldade que alguns pastores enfrentam, quando se trata de escreverem matérias destinadas à revista "O Ministério". Depois disso, já houve quem se dispusesse a enviar pelo menos um artigo, o que considero um fruto do referido editorial.

Acredito que dentro de pouco tempo outros assuntos estarão chegando também à Redação. Entendo que alguns terão necessidade de mais tempo para reunir as informações que pensam utilizar, razão pela qual é preciso esperar mais um pouco. Contudo, alguns já devem ter algum artigo em andamento, e irão trabalhar com mais rapidez para que a sua colaboração possa ser publicada.

Tenho, até aqui, procurado publicar mais artigos traduzidos, pelo fato de existir entendimento entre as Organizações Superiores, no sentido de que sejam publicados temas por elas selecionados. Mas já existe decisão da nossa Divisão, no sentido de que se publiquem assuntos mais relacionados com a nossa realidade. Dessa maneira, aqueles que gostariam de ver publicada uma matéria de sua autoria, que a escrevam e, de preferência, a enviem à Divisão Sul-Americana. Ela será enviada à Redação.

Esta seria uma forma de não se ficar apenas no plano da rejeição dos assuntos que vêm sendo publicados. Tenho ouvido, de quando em vez, críticas a artigos estrangeiros, pelo fato de estes nem sempre trazerem informações que nos interessam. Concordo até certo ponto, mas apreciaria que em lugar de tão-somente rejeitarmos os aludidos assuntos, fossem enviadas matérias que pudessem agradar a maior número de leitores. Espero ver colaborações dessa espécie nos próximos números de "O Ministério". — *O Redator.*

O MINIS/ÉRIO

ADVENTISTA

Ano 63 - Número 3 - Maio/Jun. 1992 - Periódico Bimestral

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

EDITORIAL

JÁ ENVIOU SUA COLABORAÇÃO?

Redator

ARTIGOS

4 MULHERES EM TEMPO DE CRISE

D. A. Delafield

7 DE PASTOR PARA PASTOR

Daniel Oscar Plenc

9 A MAIOR NECESSIDADE

J. O. Correia

11 DEVE-SE USAR A PREGAÇÃO DE TÓPICO?

Floyd Bresee

13 DEZ CONSELHOS PARA AFASTAR SEU FILHO DA IGREJA

Paulo Roberto Vieira

15 A CONDIÇÃO HUMANA DE JESUS NOS ESCRITOS DE

E. G. WHITE

Dr. José Carlos Ramos

19 O ESPÍRITO SANTO EM ROMANOS OITO

Almir A. Fonseca

22 SINAIS VITAIS DE CRESCIMENTO E A IGREJA ADVENTISTA

Daniel J. Rode

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Darlene Camargo; colaboradores Especiais: Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefte Carvalho, Adamôr Pimenta. **Capa:** Erlo Köhler

Todo artigo ou correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Rodovia SP 127 — Km 106 — 18270-000 — Tatuí, SP.

Mulheres em Tempo de Crise

D. A. DELAFIELD

Na época, Secretário Associado do Patrimônio de Ellen G. White

E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?" Ester 4:14.

No Livro de Deus encontram-se diversas histórias de mulheres em situações críticas. Às vezes o papel feminino é desempenhado sob o aspecto duma experiência pessoal. Outras vezes o relato assume dimensões duma crise nacional. Estes relatos de interesse humano — verídicos e históricos — foram escritos para aviso nosso, sobre quem é chegada a crise do mundo.

A experiência de Cristo sobre a cruz foi uma crise para Seus discípulos, inclusive para Maria, da qual Ele expulsara sete demônios. Esta mulher permaneceu corajosamente com Seu Senhor no Gólgota. Ela foi a última a deixar o local do Calvário, mas a primeira a chegar ao sepulcro na manhã da ressurreição. Sua imprecável afeição por Jesus conservou-a perto de Seu Senhor na vida e na morte.

Na crise de Israel, quando Xerxes era rei da Pérsia, as mulheres não falharam. A rainha Ester tornou-se o instrumento de Deus para o livramento da raça escolhida. Foi um momento crítico para ela quando Mardoqueu disse: "Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?" Com oração e jejum ela e outras mulheres imploraram ao Senhor. "Irei ter com o rei — disse Ester — e, perecendo, pereço." Ela enfrentou corajosamente a crise. Dirigiu-se para o rei, e ele lhe estendeu o cetro de ouro. Suas orações foram atendidas.

À parte da significação espiritual da experiência de Ester, encontra-se o fato de que ela manifestou considerável perspicácia feminina quanto ao caráter dos homens. Minha secretária, que é uma senhora casada, fez a seguinte observação: "Notou que Ester alimentou o rei duas

vezes antes de solicitar-lhe um grande favor? Sempre é bom falar com um homem *depois* de o haver alimentado."

Débora era líder e juíza de Israel. Como esposa de Lapidote, ela morava entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim, e os filhos de Israel subiam a ela a juízo. A crise de seu povo era também sua própria crise pessoal. Nesse tempo Jabim era rei de Canaã. Ele reinava em Hazor e enviou a Sísera com seu exército para batalhar contra Israel. Débora enfrentou a crise com coragem e sabedoria. Mandou chamar a Baraque, comandante do Exército do Senhor, e disse-lhe: "Porventura o Senhor Deus de Israel não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom?" Juí. 4:6.

Mas Baraque, o homem, tremeu. Disse para Débora, a mulher: "Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei." E Débora respondeu: "Certamente irei contigo, porém não será tua a honra da investida que empreenderes; pois às mãos de uma mulher o Senhor entregará a Sísera."

Não foi realmente Baraque quem ganhou a batalha naquele dia. Foi Débora e uma mulher chamada Jael. Sabeis o que aconteceu. Na verdade Baraque derrotou os exércitos de Sísera, mas Sísera escapou e fugiu. Ele caiu providencialmente nas mãos duma mulher perspicaz. Jael, a esposa de Heber, o queneu, amparou a Sísera e o levou para sua tenda. Deu-lhe alimento e o pôs na cama. Ele estava exausto e abatido. Na crise com que se defrontou, Jael teve de decidir o que fazer. Assim, enquanto sísera dormia, ela matou o inimigo de seu povo.

Deste modo a vitória foi ganha por duas mulheres — Débora e Jael. As honras não foram atribuídas a Baraque, mas àque-

las senhoras. Débora, porém, era uma pessoa humilde. Sabia que fora Deus quem ganhara a vitória; por isso ela compôs um cântico de triunfo: “Desde que os chefes se puseram à frente de Israel, e o povo se ofereceu voluntariamente, bendizei ao Senhor. Ouvi, reis, dai ouvidos, príncipes: Eu, eu mesma, cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor Deus de Israel.” Juí. 5:2 e 3.

“Eu, eu mesma”, disse ela. Estas foram as palavras duma mulher entoando um cântico de louvor a Deus, que lhe dera a vitória. Deus concedeu a vitória a muitas mulheres — mulheres que não fracassaram em tempos de crise. Em ocasiões assim as mulheres têm demonstrado ser tão corajosas como os homens, e às vezes até mais. A Igreja Adventista do Sétimo Dia — juntamente com o povo do mundo em que vivemos — encontra-se diante da maior crise de todos os tempos. Uma senhora que era corajosa e que enfrentou e resolveu muitas situações críticas, disse o seguinte por inspiração divina:

“A atualidade é uma época de absorvente interesse para todos os que vivem. Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de todas as classes, têm fixa a sua atenção nos fatos que se desenrolam em redor de nós. Acham-se a observar as relações tensas e inquietas que existem entre as nações. Observam a intensidade que está tomando posse de todo o elemento terrestre, e reconhecem que algo de grande e decisivo está para ocorrer, ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise estupenda.” — *Educação*, pág. 179.

A Sra. Ellen G. White escreveu estas palavras em 1902. Se há mais de nove décadas no passado o mundo se encontrava à beira de uma crise, que diria ela sobre os dias atuais?

Para os adventistas do sétimo dia a crise virá “quando a proteção das leis humanas for retirada dos que honram a lei de Deus”. Então “haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desarraigar a odiada seita. Resolver-se-á dar em uma noite um golpe decisivo, que faça silenciar por completo a voz de dissentimento e reprovação.” *O Conflito dos Séculos* — pág. 687.

A verdadeira crise do mundo não será

política, mas moral. A questão terá que ver com a lei de Deus. Prestar-lhe-emos obediência, ou não? A batalha final do mundo não consistirá em pelejas na Coreia, no Vietnã, em Chipre ou Israel — mas sim no coração humano. O ponto em apreço será a lealdade ou a deslealdade a Deus.

Um motivo por que devemos aprender como enfrentar as pequenas crises da vida no lar, no escritório ou na loja — de bom grado e com fé e coragem — é que nossa atitude para com as grandes crises futuras terá sido cristalizada no espírito de Cristo, aprendido através da experiência diária. “Se te fadigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos? se tão-somente numa terra de paz estás confiado, que farás na enchente do Jordão?” Jer. 12:5.

Todos temos de enfrentar enfermidades e até a morte na família. A mulher siro-fenícia deparou com uma crise em seu lar. Aproximou-se de Jesus pedindo que sua filha fosse curada. Jesus usou essa ocasião para provar os Seus discípulos que nutriam preconceito contra os gentios. Disse Ele: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.” Os discípulos gostaram dessa declaração. O Senhor tinha razão — não convinha outorgar bênçãos aos desprezados gentios! O alimento da mesa do Senhor era para os judeus, não para esses cães chamados gentios!

Respondeu a corajosa mulher siro-fenícia nessa crise de sua vida: “Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.” S. Mar. 7:28. Ó Senhor dá-me algumas migalhas para minha filha enferma!

“Por causa desta palavra, podes ir — disse Jesus. O demônio já saiu de tua filha.” Verso 29.

Foi assim que ela enfrentou seu tempo de crise. Suportou a prova, foi para casa e encontrou a filha curada. Que glorioso momento deve ter sido aquele em que sua amada filha veio saltando e pulando para encontrar-se com a mãe!

Lembraís-vos da viúva importuna na parábola contada por Jesus. Ela procurou o juiz iníquo a fim de ser defendida contra seus inimigos, e para ficar talvez com a propriedade devidamente legalizada. O juiz não se interessou pela condição dessa mulher. Não obstante, ela apresentou com insistência suas justas e sinceras reivindicações perante esse tribunal.

Afinal, para não ser mais molestado, o juiz concedeu o que ela queria. Essa viúva triunfou na crise de sua vida. As mulheres possuem certa perseverança. Os tempos de crise parecem intensificar este característico. A perseverança é uma boa qualidade. Será necessária na crise final. Temos o “dever de *orar sempre* e nunca esmorecer”. S. Luc. 18:1.

Pensai também na ocasião em que Jesus Se dirigia para o lar de Jairo, chefe da Sinagoga, em Cafarnaum. Jairo estava tão ansioso de que Jesus não Se demorasse em ir até lá, que esqueceu momentaneamente que se achava em companhia do Ser divino. A enfermidade não constituía um desafio para Jesus — nem mesmo a morte.

No trajeto para a casa de Jairo, uma mulher que durante doze anos sofrera de uma hemorragia incurável abriu alas entre a multidão. Estando tão perto de Jesus, esta era sua única esperança, seu momento decisivo. “Se eu apenas Lhe tocar a veste, ficarei curada”, disse ela (S. Mat. 9:21). Portanto, aproximou-se o suficiente para tocar no Mestre. Ali estava a orla de Sua túnica! Ela conseguiu tocá-la, e ficou curada.

Jesus Se deteve e perguntou: “Quem Me tocou nas vestes?” S. Mar. 5:30. “As multidões Te apertam e Te oprimem”, responderam os discípulos. Mas Jesus conhecia a diferença entre o toque da fé e o contato casual da multidão. Distinguiu a mulher entre a multidão.

Seu amor a atraía para perto dEle. Ela prostrou-se aos pés do Mestre. Confessou o que fizera e esperava não haver cometido alguma falta. “Filha — disse Jesus — a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal.” Verso 34. Ela foi curada imediatamente. Teve fé no tempo de crise e foi recompensada. Se houvesse fugido do problema e caído em lágrimas e desespero, teria morrido daquela enfermidade.

A fé das mulheres da Bíblia me é impressionante. Gosto de pensar que Eva — que foi criada por último no Éden, muito tempo atrás — representava o melhor de toda a criação de Deus. E tem sido assim em todas as épocas. Que seria o mundo — no que diz respeito ao caráter — sem as mulheres? Não somente as notáveis mulheres da Bíblia, mas Clara Barton, da Cruz Vermelha; Ellen G. White, com sua pena inspirada e conselhos divinos; Cata-

rina Lindsay, Maria McReynolds, Sara Peck, Matilda Andross e tantas outras?

As melhores mulheres, porém, não se encontram todas no passado. A Igreja Adventista do Sétimo Dia produzirá muitas delas. Enfrentamos a maior de todas as crises, e precisamos de excelentes mulheres — grandes na fé, fortes na coragem, de profundo amor e afeição, com mente penetrante e clara, e coração repleto de paixão pelas almas; mulheres que amem a Jesus como Maria, sejam corajosas como Ester e tenham fé semelhante à de Débora e Jael. Necessitamos de mulheres assim na igreja hoje em dia. Temos mulheres como estas, mas suas melhores obras ainda se manifestarão nos tempos de crise que enfrentamos.

Vivemos num tempo excitante, e as mulheres parecem suportar melhor o excitação do que os homens. Elas têm menos úlceras. E para o cristão, cada dia é excitante. Declarava um trecho publicado no boletim duma igreja:

“Os cristãos precisam de excitação. Fomos feitos assim. Nós o almejamos. E se não a encontrarmos na igreja, encontrá-la-emos *noutra parte*. Mas a procuraremos. Testemunhar para Cristo é uma aventura poderosa. Pode produzir mais excitação na vida das pessoas do que qualquer coisa que este mundo tenha a oferecer. ... A igreja do Novo Testamento vivia da excitação do poder de Deus. Havia emoção após emoção na igreja primitiva enquanto ela testemunhava no poder do Espírito Santo.”

Excitados por causa de Cristo! Isto produz mulheres excitadas. Elas não são, porém, as *glamour girls* da atualidade. São mulheres cristãs que estão excitadas a respeito de Jesus e entusiasmas por causa de Sua amizade — belas pessoas que o mundo contempla com maior admiração do que as moças que exibem seus encantos físicos, mas possuem pouco caráter. Disse o sábio: “Como jóia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição.” Prov. 11:22. Que testemunho para o mundo é a mulher discreta que possui belo caráter! Penso que todas as mulheres adventistas que amam a Jesus são belas. Mas ter coragem para as crises é algo diferente. É alguma coisa que não se recebe naturalmente. Precisamos orar e jejuar para obter fé e coragem. Enfrentamos tempos de provação no mundo. Devemos viver à altura dessas provações.

De Pastor Para Pastor

DANIEL OSCAR PLENC

A primeira visão de Apocalipse (capítulos 1-3) descreve a ação pastoral de Jesus. João vê Cristo exercendo o Seu Ministério sacerdotal no lugar santo do santuário celestial e Se relacionando pastoralmente com as igrejas e seus dirigentes.

Enfoque pastoral

As outras séries de sete períodos do Apocalipse têm um caráter diferente. Os selos e as trombetas apresentam aspectos judiciais e velados, relacionados com a história da era cristã. Por outro lado, na visão das sete igrejas o enfoque é eminentemente pastoral.

Cristo Se dirige às igrejas com mensagens estruturalmente similares, sem olvidar as peculiaridades de cada congregação. (1) Antes de mais nada, é feita uma apresentação de Cristo; uma identificação dAquele que é capaz de satisfazer as necessidades individuais das igrejas. (2) Em seguida vem um elogio ou encômio, (3) uma repreensão, (4) um conselho ou advertência e (5) uma promessa. Essa é a dinâmica do ministério pastoral de nosso Senhor Jesus Cristo.

Cartas pastorais

No interior das igrejas, Cristo Se relaciona principalmente com Seus pastores. A ordem que João recebe em relação com cada igreja é "escreve ao anjo". A palavra anjo significa "mensa-



geiro”, e é mais provável que se refira aos pastores e dirigentes das igrejas. Estes leriam as cartas e apresentariam sua mensagem à congregação. Cristo está no meio das igrejas e tem na mão os seus pastores.

Há, aqui, um tratamento “de pastor para pastor”. Cristo, como “Supremo pastor” (I Pedro 5:4) é sem dúvida o pastor exemplar. João O havia assim descrito no capítulo 10 de seu Evangelho.

O bom Pastor

Os pastores são convidados a imitar o bom Pastor. São colocados na direção das igrejas para estimulá-las, repreendê-las, aconselhá-las; para ajudar os crentes a descansarem nas promessas de Deus.

A responsabilidade pastoral de Jesus O impediu de omitir a indicação dos erros dessas igrejas. Há um “mas” no recado dirigido a cinco delas.

Apocalipse 2 e 3 traça o perfil de Jesus como Pastor exemplar; como o ideal que todo pastor gostaria de seguir.

Em suas mensagens pastorais às igrejas, Jesus mostra conhecer muito bem as congregações e seus membros. O Senhor diz “conheço as tuas obras”, e esse discernimento Lhe permite elogiar o bom e corrigir o mau. Entre o pastor e suas ovelhas existia um estreito conhecimento mútuo. O bom pastor “chama pelos nomes as suas próprias ovelhas” (João 10:3). Cristo diz “Conheço as Minhas ovelhas” (João 10:14) e de novo: “Eu as conheço” (João 10:27).

Jesus não louvava os homens, mas não deixava de exaltar as virtudes nobres, quando estas podiam ser concretamente fundamentadas. Seis das sete igrejas re-

cebem algum tipo de elogio. Éfeso é louvada por seu perseverante labor e por sua firmeza de princípios; Esmirna, por sua riqueza espiritual. O Senhor exalta a fidelidade dos mártires de Pérgamo e o crescimento espiritual de Tiatira. Os poucos que podiam ser elogiados em Sardes receberam esse encômio, e os fiéis cristãos de Filadélfia se sentiram ainda mais motivados.

Contudo, a responsabilidade pastoral de Jesus O impediu de omitir a indicação dos erros dessas igrejas. Há um “mas” no recado dirigido a cinco dessas igrejas. Éfeso é censurada pela diminuição de seu amor; Pérgamo, por seu sincretismo religioso incipiente. Tiatira é reprovada por sua permissividade e apostasia, Sardes por sua decadência e Laodicéia em virtude de seu conformismo apático.

Jesus repreendia explicitamente quando era necessário, mas ninguém era deixado sem esperança. Por isso advertia, guiava e aconselhava. Foi um legado como pastor, assessor e mestre. Recomendou que Éfeso fizesse uma pausa para avaliar sua experiência religiosa; que Esmirna não temesse coisa alguma, antes continuasse sendo fiel. À igreja de Pérgamo foi recomendada uma decidida mudança de rumo, e a Tiatira que retivesse a sua luz. Sardes foi admoestada a não se deixar morrer. Filadélfia devia reter sua experiência e Laodicéia, se mudasse radicalmente de atitude, deveria receber de Deus aquilo de que necessitava com urgência.

O Senhor não Se apresenta como um pastor distante. Não há profissionalismo e falta de afeição em Seu ministério. Identificou-se com a ortodoxia dos efésios, aborrecendo o que eles aborreciam. Conhecia por experiência a aflição e a extrema pobreza dos cristãos de Esmirna. Não ignorava o transtorno dos crentes de Pérgamo, nem colocou sobre os membros da igreja de Tiatira carga mais pesada do que eram capazes de suportar. Prometeu Sua companhia aos fiéis remanescentes de Sardes. Tornou notório o Seu amor aos obedientes de Filadélfia, como também pela duramente censurada comunidade de laodicéia. À sua porta estaria o bom Pastor, sempre pronto, sempre disponível.

Jesus é a grande figura do Apocalipse. A imitação do Seu ministério é o anelante desejo de todo verdadeiro pastor.

A Maior Necessidade

J. O. CORREIA

A Igreja de Deus em todos os seus segmentos, enfrenta necessidades de toda ordem. Essas necessidades se evidenciam na falta de recursos financeiros para fazer frente aos tremendos desafios da missão. De maior número de templos devidamente apropriados para reunir nossos queridos irmãos. De mais colégios (internatos e externatos) e escolas, visando à educação cristã para os nossos filhos.

Evidenciam-se ainda na falta de mais pastores devidamente preparados para atender os desafios do momento. De mais líderes devidamente qualificados em todos os aspectos para darem o rumo certo aos objetivos da Igreja. De construção de mais hospitais, clínicas, no plano da Obra médico-missionária. Da criação de universidades para atender os universitários da Igreja. Da implantação de doutorados na área de filosofia, teologia e outros.

Poder-se-ia continuar a interminável lista de tantas outras necessidades, quer de caráter social, material ou espiritual.

Pergunta-se: Qual é realmente a maior necessidade da Igreja? A um humilde casal de missionários no sul da África, foi perguntado: “Qual é a vossa maior necessidade?” Com expressão humilde e sincera, responderam: “Temos falta de muitas coisas, mas, a nossa maior necessidade é a do PODER DO ESPÍRITO SANTO”.

Necessidade de poder do Espírito Santo

Enquanto Jesus estava no monte da transfiguração com Pedro, Tiago e João, os outros nove estavam no sopé da montanha, entre a aflita e necessitada multidão. Um pai levou o filho epilético aos discípulos, para ser curado.

Clamou-lhes por compaixão e ajuda. Eles nada puderam fazer. Estavam destituídos de PODER. Estavam cheios do espírito de crítica, incredulidade, e sem interesse pela missão que Cristo lhes havia confiado.

Tão logo Jesus desceu do monte, o desesperado pai O procurou, e contou-Lhe a triste história, acrescentando: “Eu o trouxe aos Teus discípulos e, não o puderam curar” (Mat. 17:16).

Que tragédia! Que desonra ao nome do Salvador! Quanta coisa envolvida na patética frase do angustiado pai! “Não o puderam curar”.

O Salvador pede então que o atribulado filho seja trazido a Sua presença. Antes, porém, de curá-lo, exclama: “Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?” E, cheio de profunda compaixão e até mesmo consternado, ordena: “Trazei-mo aqui” (Mat. 17:17).

Onde quer que haja alguém necessitado de Sua ajuda, não importa qual o problema — de ordem física, moral ou espiritual — Ele solicita: “Trazei-mo aqui”.

A causa do fracasso

Após a miraculosa cura, perguntaram os discípulos em particular a Jesus: “Por que não pudemos, nós, expulsá-lo?” (Mat. 17:19, ú. p.). Ao que Jesus respondeu: “Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mat. 17:20).

Resumindo a resposta de Cristo, pode-se dizer simplesmente que a maior neces-

Há uma necessidade
imperiosa na
Igreja, para que ela alcance
os objetivos divinos.
Trata-se do
poder do Espírito Santo.



tidade deles era falta de PODER. A Igreja sofre derrotas, por falta de poder. O nome do Senhor é desonrado, por falta de poder. Os resultados de batismos são tão inexpressivos, por falta de poder. O ministério é fraco, por falta de poder. Os púlpitos são pobres, por falta de poder. O testemunho individual e da Igreja é pobre, por falta de poder. Não há mais fidelidade e reavivamento, por falta de poder. Poder do Espírito Santo em grande medida.

“Tem que haver um reavivamento e reforma, *sob o ministério do Espírito Santo*”. — SC., 42. “Não podemos sobreviver, nem depender de formalidades... O que nós *necessitamos* é da influência vivificante do Espírito Santo de Deus.” — TM., 64. (grifos supridos)

A necessidade do poder do Espírito Santo só é sentida pela alma que o busca

como o fez Jacó (Gên. 32:26). Essa busca deve ser pessoal e diária. As bênçãos divinas do arrependimento, da verdadeira conversão, do perdão dos pecados, da volta de Cristo, do preparo para encontrá-Lo só serão alcançados pelo derramamento do poder do Espírito Santo.

A nossa maior necessidade não é de sofisticadas igrejas, maior número de pastores, de mais instituições médicas, educacionais e alimentícias e tantas outras, mas, sim, do *poder pentecostal*. Essa é a nossa maior e mais urgente necessidade. Por que não buscá-Lo?

“Por que não temos fome e sede do Espírito Santo, uma vez que Ele é o meio pelo qual nós recebemos poder? Por que não *falamos* sobre Ele? Por que não *oramos* sobre Ele? Por que não *Pregamos* sobre Ele?” — *Testimonies*, vol. 8, pág. 22 (grifos supridos).

Tempo de buscá-Lo

Agora é o tempo de buscá-Lo. “O derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja é encarado como sendo coisa do futuro; mas, é um privilégio da Igreja recebê-Lo *agora*. Buscai-O e vivei para Ele.” — RH, 19.02.1895. (grifo suprido.)

A promessa para suprir essa maior necessidade da Igreja no cumprimento de sua missão é para o presente e, não para o futuro. Chegou o tempo de reclamar com espírito de humildade, dedicação e entrega o cumprimento dessa divina promessa: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lucas 11:13). “Eis que envio sobre vós a promessa de Meu Pai; permaneci, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Luc. 49). “Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:8).

Quando esta maior necessidade for suprida, todas as demais o serão também, pois, “O Espírito Santo, representante de Cristo é a maior dádiva. Ele abrange todas as ‘boas coisas’. O próprio Cristo não poderia dar-nos nada *maior e nem melhor*.” — MB., pág. 18. (Grifo acrescentado.)

Deve-se Usar a Pregação de Tópico?

FLOYD BRESEE

A pregação de tópico está-se tornando aceita e prática. Mas seria essa pregação bíblica? A resposta é um claro sim!

A pregação de tópico definida

O sermão de tópico é aquele em que o assunto é escolhido e toda a Bíblia é examinada com respeito a esse tópico. O conteúdo e a forma são devidos mais ao tópico do que a qualquer passagem das Escrituras. Os pregadores de tópico em geral começam seu sermão escolhendo um tópico e depois desenvolvendo o tópico escolhido de maneira aprofundada, auxiliados por um texto da Bíblia ou por uma concordância.

Força e fraqueza

A pregação de tópico conta com poderes expressivos. Certos destaques do ano cristão os levam, naturalmente, à pregação de tópico. O Dia das Mães, o Dia da Educação Cristã, o Dia da Promoção das Missões — mesmo a Comunhão.

A pregação de tópico leva também, com facilidade, à pregação doutrinária. A pregação evangelizadora em geral é de tópico. Por alguma razão, a pregação nas regiões do mundo em que a igreja está crescendo mais rapidamente, tem a tendência de seguir a pregação de tópico.

A fraqueza dos sermões de tópico é du-

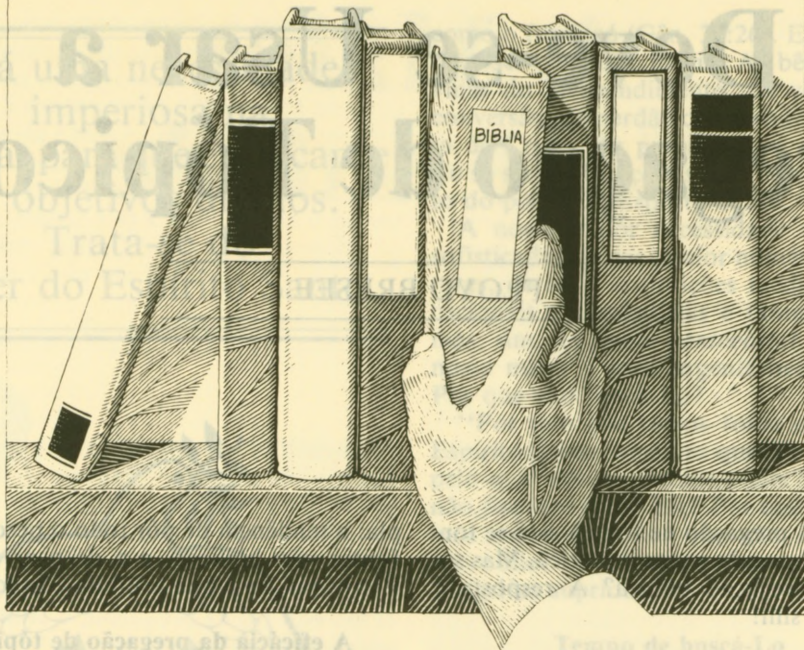
pla: a tendência de pôr todo o peso sobre fontes não bíblicas, e a de usar mal as Escrituras, se é que a Bíblia é usada.

A eficácia da pregação de tópico

A algumas sugestões para a pregação de tópico eficaz:

1. Começar com a Bíblia. Quando preparado de maneira adequada, o sermão de tópico pode ser mais bíblico do que o seu correspondente expositivo. Para entender o que a Escritura diz sobre determinado assunto, não basta volver a uma passagem ou livro; requer a leitura de toda a Bíblia — o estudo de tópico. Daí a segurança em usarmos o conselho de Isaías: “Um pouco aqui, um pouco ali” (Isa. 28:10) e examinar toda a Escritura. Por exemplo, estabelecer o equilíbrio correto entre a fé e as obras baseado apenas no livro de Tiago, é muito difícil. Mas comparemos Tiago com Paulo, como deve fazê-lo um sermão de tópico, e teremos a verdade equilibrada.

Ao falar dos autores da Bíblia, Ellen White explicou: “Um escritor é mais fortemente impressionado com um aspecto do assunto; ele se apropria daqueles pontos que se harmonizam com sua experiência ou com o seu poder de percepção e apreciação; outro, apodera-se de um aspecto diferente; e, cada qual, sob a orientação do Espírito Santo, apresenta o que lhe impressionou de maneira mais forte a mente — um aspecto diferente da verdade em cada um, mas uma perfeita harmonia através do todo. E as verdades assim



reveladas se agrupam em um todo perfeito, adaptadas para satisfazer as necessidades dos homens em todas as circunstâncias e experiências da vida” (Ellen G. White, *The Great Controversy*, pág. 6).

Cumpra-nos ser criativos, mas cuidadosos com nossa exegese bíblica. Não devemos estar ansiosos por ser originais que puguem meras plausibilidades como verdades concretas — descobertas, naturalmente, por nós. Quando descobrimos algo nas Escrituras, que ninguém usou ainda, não devemos abandonar completamente a noção de censura que ele pode conter porque essa pessoa sabia melhor.

2. Manter os textos no contexto. A história é apócrifa. Certo pregador recebeu muitas observações sobre o novo penterado das senhoras de sua igreja. Estas estavam fazendo coques na cabeça. Ele desaprovou o estilo e procurou um texto bíblico sobre o assunto, para usar em seu sermão. O melhor que encontrou foi Mateus 24:17: “Quem estiver sobre o eirado não desça”. Na verdade, usou apenas parte do verso, tomado como texto: “Sobre o telhado, não desça!”

Este é apenas um exemplo exagerado da tentação do pregador de pregação tópica, de usar texto fora do contexto. Continuo dizendo que a pregação de tópico não é necessariamente menos bíblica, mas é necessariamente mais difícil, pois cada texto deve ser estudado em seu contexto,

para que o pregador não diga algo que o texto não estava querendo dizer.

3. A importância do tema sobre o tópico. O tópico é apenas aquilo sobre que se vai falar. O tema é aquilo sobre o que se vai falar. É um ponto de vista, uma lição espiritual a ser tirada do tópico. Queremos que as pessoas se lembrem não apenas daquilo sobre que falamos, mas daquilo que dissemos.

Por exemplo: Tópico — Provações. Tema — “As promessas de Deus não servem de proteção contra a provação, mas da presença na provação.”

Se normalmente você prega sermão expositivo ou de alguma outra espécie, deveria experimentar a pregação de tópico? Certamente! A pregação de tópico aumenta o fervor e o espírito evangelístico da igreja. Além disso, sua igreja apreciará a alteração de ritmo. Contanto que seja bíblico.

Às vezes é possível que o sermão envolva as três coisas: a parte expositiva, a tópica e a narrativa. Há, contudo, diferenças, se começarmos o preparo de nosso sermão examinando uma passagem, um tópico ou uma narrativa. Nosso propósito na investigação deve ser *apresentar um Cristo bíblico e motivar* nossos ouvintes a aceitá-Lo. Jamais faremos isso de maneira satisfatória. Contudo, uma pequena experiência feita com tipos diversos de sermão, ajudar-nos-á a fazer o melhor.

Dez Conselhos Para Afastar Seu Filho da Igreja

PAULO ROBERTO VIEIRA

Pastor distrital

Ironizando a maneira errada de educar, o autor apresenta dez pontos negativos a respeito de como se afastar os filhos da Igreja.

Por ocasião de um retiro para jovens, um colega de ministério comentava comigo sobre o “esforço” que uma família adventista estava fazendo para manter a filha “fora” da igreja. Posteriormente, imaginei-me sendo procurado por pais adventistas em busca de conselhos sobre como manter os filhos afastados da Igreja e de Deus. Veja que conselhos eu daria. Cada conselho é acompanhado de um texto bíblico para meditação.

1. *Culto familiar.* — Comece por acabar com o culto familiar. Arranje uma boa desculpa como, por exemplo, a falta de tempo ou o cansaço. Se sua família não tem esse “costume”, vocês já estão no “caminho certo”. Josué 24:15.

2. *Leitura.* — Dê preferência à leitura secular. Em vez de *Nosso Amiguinho*, compre qualquer outra revista em quadrinhos. Em lugar de *Mocidade*, adquira uma das tantas “boas” revistas para jovens, nas bancas. Também não compre livros da CASA; prefira os de ficção ou romances de autores famosos. Lembre-se do que escreveu Ellen G. White: “Os leitores de tal literatura... vivem uma vida irreal, não sentindo desejo de buscar

as Escrituras para se alimentar do maná celeste.” — *Mensagens aos Jovens*, pág. 271. A leitura secular o ajudará em muito a manter os filhos fora da igreja. Deuterônimo 17:19.

3. *Uso da TV.* — Habitue seus filhos a gastarem muitas horas diante do televisor, assistindo a todo tipo de programas. Talvez você admita que “a *personalidade* das crianças que vêem televisão com muita frequência e desde os primeiros meses de vida *apresenta as características do estado narcisista*, ou seja, o egoísmo, o egocentrismo, o despotismo e a tirania. São caprichosas, impulsivas, desrespeitosas; inclusive, daninhas. Nelas se pode observar condutas maliciosas semelhantes às que vêem na televisão”. (Raqueel Soifer, “*A Criança e a TV*”, Biblioteca Artes Médicas, 1991, Porto Alegre — RS, pág. 28.)

Mas não dê importância ao que dizem os psicólogos, professores e pastores, sobre os males da maioria da programação da TV brasileira; vá em frente! Se seu objetivo é afastar seus filhos da igreja, isto ajudará bastante. Filipenses 4:8.

4. *Criticar outros membros.* — Talvez nem fosse necessário lembrar este item. Mas não esqueça, aproveite toda oportunidade para criticar outros membros da igreja. Foi Ellen G. White quem garantiu: “Desta maneira (criticando) é que as crianças são ensinadas a ser irreverentes e

a se rebelarem contra as repreensões do pecado, enviadas pelo Céu”. — *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 491.

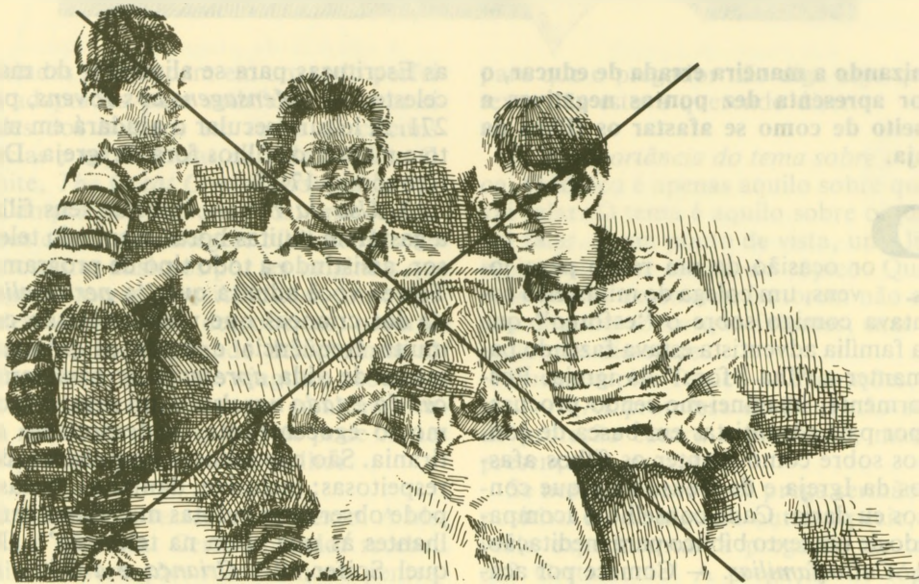
5. *Criticar pastores e a Obra.* — Mas não fique satisfeito em criticar apenas os membros da igreja. Faça o mesmo com os pastores e com a Obra em geral. Ellen G. White assegura que os pais que criticam a Obra e os obreiros verão que “suas palavras tendem a abalar a fé e a confiança, não só das crianças, mas também dos de mais idade”. — *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 172. Com a fé diminuída e a confiança abalada, quem querará permanecer ligado à Igreja? I Tessalonicenses 5:12 e 13.

6. *Desrespeito aos costumes.* — Desde cedo, deixe claro para seus filhos que você não concorda com alguns costumes da Igreja. Uso de adornos pessoais, vestuário e outros, devem acompanhar a evolução da

rão de seguir-lhe o exemplo, e logo “extingue-se-lhes no coração o amor para com Deus e o homem”. — *Serviço Cristão*, pág. 10. E, como consequência, deixarão de ir à igreja. Atos 1:8.

9. *Amizade e namoro.* — Para garantir o seu objetivo, incentive seus filhos a terem amizade e namoro somente com descrentes, pois é certo que “nada consegue com mais eficiência prevenir ou banir impressões sérias e bons desejos do que associação com pessoas de mente vã, descuidada e corrupta”. — *O Lar Adventista*, pág. 461. II Coríntios 6:14.

10. *Incoerência.* — Se com as nove dicas anteriores seus filhos ainda “insistem” em ir à igreja, esta última dificilmente falhará. Seja incoerente em sua vida religiosa; isto é, na igreja, comporte-se como um cristão “nascido de novo” e em sua casa,



moda e não os costumes da Igreja. Afinal, se outras denominações evangélicas usam, por que não podemos nós? Deuteronômio 6:6 e 7; I Timóteo 2:9 e 10; I Pedro 3:3 e 4.

7. *Freqüência à igreja.* — Arranje “boas” desculpas para não ir às reuniões de culto. Com isto, eles saberão rapidamente que estar na Igreja é de menos importância. E quando for à igreja, não se esqueça de mencionar na frente deles como é penoso o sacrifício que se faz para ir lá. Eles aprenderão rápido! Hebreus 10:24 e 25.

8. *Testemunho cristão.* — Nem pense em fazer algum tipo de esforço missionário. Não se envolva em testemunho cristão de espécie alguma. Seus filhos have-

deixe que “o velho homem” seja visto por todos. Pregue uma coisa e viva outra. Bem depressa seus filhos verificarão como seu cristianismo é falso e sem poder, e se afastarão dele tão logo possam. Tiago 2:12.

Um lembrete: Se depois de você ter feito tudo isto os seus filhos continuarem sendo cristãos e membros da igreja, desista! Deve ter acontecido algum milagre.

Mas, se por outro lado, você deseja que seu filho seja um bom cristão e um bom membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, faça tudo ao contrário do que foi indicado acima e procure “mostrar em (sua) vida que Jesus é tudo para (vocês)”. — *O Lar Adventista*, pág. 317.

A Condição Humana de Jesus nos Escritos de E. G. White

DR. JOSÉ CARLOS RAMOS
Professor de Teologia do IAENE

Os escritos de E. G. White parecem sugerir ora, que Jesus teve natureza humana idêntica à de Adão antes da queda, ora idêntica à nossa. O autor procura explicar a aparente contradição.

Que tipo de natureza humana foi assumida por Deus o Filho ao encarnar e viver entre nós? *Pré-lapsariana*, isto é, idêntica a de Adão antes da queda, ou *pós-lapsariana*, isto é, idêntica à nossa? Ambas as hipóteses parecem contar com o apoio das Escrituras. Heb. 7:26, por exemplo, refere-se a Cristo como “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus”. Essas palavras descrevem adequadamente uma condição pré-lapsariana de humanidade. Por outro lado, esta mesma epístola, em 2:14 e 17, afirma que Ele Se tornou semelhante aos demais homens, na “participação comum da carne e sangue”, o que sugere uma condição pós-lapsariana (ver também Rom. 8:3).

Igualmente o Espírito de Profecia parece favorecer uma e outra hipótese. Eis algumas citações com sabor pré-lapsariano. Grifos são por nossa responsabilidade:

“Cristo veio à Terra assumindo humanidade e colocando-Se como representante do homem para mostrar na controvérsia com Satanás que o homem *como Deus o criou* em comunhão com o Pai e o Filho,

poderia obedecer a cada requerimento divino.” (*Signs of the Times*, June 9, 1898).

“Cristo é chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade, unido com Deus e amado por Deus, *Ele começou onde o primeiro Adão começou*. Ele cruzou o chão onde Adão caiu, e redimiu o fracasso de Adão.” (*Youth’s Instructor*, June 2, 1898).

“Ele venceu Satanás na *mesma natureza* sobre a qual no Éden Satanás obteve a vitória”. (*Ibidem*, April 25, 1901).

“Ele devia tomar Sua posição como cabeça de humanidade ao tomar a natureza *mas não a pecaminosidade* do homem.” (*Signs of the Times*, May 29, 1901).

“Sede cuidadosos, extremamente cuidadosos quanto a como vos ocupais com a natureza humana de Cristo. Não o coloqueis diante do povo como um homem com as *propensões do pecado*. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, impecável, sem uma mancha de pecado sobre si; ele era a imagem de Deus... Jesus Cristo... poderia ter caído, mas *nem por um momento existiu nele uma propensão má*... Nunca, de forma alguma, deixeis a mais leve impressão sobre as mentes humanas de que *uma mancha de corrupção*, ou *inclinação para corrupção* se apegou a Cristo, ou que Ele de alguma forma cedeu à corrupção... Que cada ser humano seja advertido contra a idéia de tornar a Cristo *totalmente humano tal como um de nós*; isto não pode ser.” (*SDABC*, vol. 5, págs. 1.128, 1.129).

Destas citações podemos inferir que Cristo é o segundo Adão e como tal era diferente de nós no sentido de não possuir a mácula do pecado, que possuímos desde o momento em que somos gerados (ver Sal. 51:5). Ele era isento das tendências carnis e pecaminosas que marcam a nossa vida. Para E. G. White, expressões como “pecaminosidade do homem”, propensão para corrupção, “mancha de corrupção”, “propensão má”, e “propensões do pecado”, são, neste contexto, mais ou menos equivalentes. Nenhuma destas coisas se fez presente em Jesus.

Outro grupo de citações parece implicar um sentido pós-lapsariano. Damos alguns exemplos novamente grifando expressões por motivo de ênfase:

“A natureza de Deus, cuja lei tinha sido transgredida, e a natureza de Adão, o transgressor, se reuniram em Jesus — o Filho de Deus e o Filho do homem.” (*Ibidem*, vol. 7, pág. 926).

“Cristo, que não conhecia o mínimo vestígio de pecado ou contaminação, tomou nossa natureza em seu estado deteriorado.” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 253).

“Ele tomou sobre Sua natureza impecável, nossa natureza pecaminosa.” (*Medical Ministry*, pág. 181). “Estava no plano de Deus que Cristo tomasse sobre Si a forma e natureza do homem caído.” (*Spirit of Prophecy*, vol. 2, pág. 39).

Estas citações deixam claro que Cristo assumiu uma natureza humana desfigurada pelo pecado, portanto idêntica à nossa. Como harmonizar os dois grupos de citações?

Bem, Cristo não pode ter tido duas naturezas humanas, uma imaculada e outra maculada pelo pecado. Se é isto o que E. G. White está afirmando então ela se contradiz. Mas seguramente não é este o caso. A questão é se entendemos corretamente o que está sendo declarado. Na verdade os conceitos pré e pós-lapsarianos, no contexto da Bíblia e do Espírito de Profecia, não se contradizem, não se excluem, mas se complementam. Caso contrário, não possuiriam ambos o aval da inspiração.

Tomemos como exemplo a declaração acima, extraída de *Medical Ministry*, pág. 181. E. G. White não pode estar afirmando que Jesus tomou nossa natureza pecaminosa sobre Sua natureza impecável, no sentido de que Ele passou a possuir duas naturezas humanas, uma que já era Sua e

outra que tomou de nós. Aliás, o sentido do verbo inglês *to take* (tomar) seguido da preposição *upon* (sobre), como aparece no original, é, segundo o *Webster Dictionary*, “aceitar a responsabilidade por, aceitar como uma responsabilidade ou dever”. A idéia é que Cristo *Se submeteu* à situação do homem no pecado, para conhecer por experiência as lutas do pecador, e, por esse meio, capacitar-Se a prestar-lhe uma ajuda autêntica, eficaz. A citação, em seu contexto, favorece esse pensamento. “Ele tomou sobre Sua natureza impecável, nossa natureza pecaminosa, para que pudesse saber como socorrer aqueles que são tentados.”

O mesmo se verifica em relação à citação seguinte, extraída de *Spirit of Prophecy*, vol. 2, pág. 39: “Ao tomar a natureza humana Cristo habilitou-Se a entender a natureza das provações humanas, e todas as tentações que assediam o homem. Os anjos, que não estavam familiarizados com o pecado, não poderiam simpatizar-se com o homem em suas provações peculiares... Estava no plano de Deus que Cristo tomasse sobre Si a forma e natureza do homem caído, para que pudesse aperfeiçoar-Se através do sofrimento [o que não poderia ocorrer com Adão antes da queda], e Ele mesmo suportasse a força das ardentes tentações de Satanás, a fim de que pudesse entender como socorrer aqueles que seriam tentados.” Cristo assim participou das conseqüências do pecado, às quais todos estamos sujeitos, mas não do próprio pecado. (Ver Heb. 2:18; 4:15).

Outro ponto a ser considerado tem a ver com a terminologia usada na exposição do assunto. É sabido que há ocasiões quando faltam a um escritor termos que denotem com mais precisão o significado daquilo que deve ser exposto. Recursos literários se mostram inexpressivos, às vezes, na abordagem de temas transcendentais. Certamente escritores bíblicos depa-raram este problema e com E. G. White não foi diferente. Este simples fato deve alertar-nos quanto à necessidade de cuidado ao nos propormos à difícil tarefa da interpretação. Quando, por exemplo, a Bíblia diz que Deus “Se arrependeu”, cum-pre-nos procurar saber o que realmente está sendo aí enunciado. Seja o que for, não poderá contrariar o significado de outras informações que a mesma Bíblia presta sobre Deus, como por exemplo o atributo da *imutabilidade*. Nesse caso, temos

de convir que *o que Deus é* normatizará o significado dos termos usados em referência a Ele, e não vice-versa.

No caso da natureza humana de Jesus, a exemplo de qualquer outro tema, cumpre-nos procurar saber por que E. G. White fez tais e tais declarações, por que utilizou determinada terminologia, e o que realmente estava querendo comunicar. Uma forma através da qual é possível descobrir o que certo escritor está querendo dizer quando emprega determinados termos, é observar o sentido que ele mesmo deu àqueles termos em outras ocasiões nas quais assuntos mais óbvios foram abordados. Isto, todavia, nem sempre funciona, porque podem estar os referidos termos sendo agora empregados em declarações não plenamente elaboradas. Exemplos disto ocorrem em declarações do Espírito de Profecia que devem ser consideradas como *citações livres* que E. G. White faz de suas fontes de pesquisa.

Para a serva do Senhor a imaculabilidade e impecabilidade de Cristo não significam incolumidade às conseqüências do pecado. Portanto, dois importantes aspectos da natureza humana de Jesus são abordados pelo Espírito de Profecia.

A propósito, a revista *The Ministry* publicou há algum tempo um curto, mas excelente artigo da autoria de Tim Poirier, secretário assistente do White Estate, que toca exatamente este ponto. Devemos compreender que a Sra. White não se acomodou com as visões que Deus lhe deu. Ela foi uma incansável pesquisadora, examinando autores cujos escritos poderiam não somente ajudá-la a entender certos assuntos, mas igualmente supri-lhe certas expressões através das quais poderia melhor comunicar a revelação divina.

Segundo o articulista, certo número de

afirmações de E. G. White sobre a natureza humana de Jesus parece refletir o pensamento do pregador anglicano Henry Melvill (1798-1891), cujos sermões foram publicados em vários volumes. Para este autor, a queda do homem acarretou duas conseqüências primárias: (1) *debilidades inocentes*, coisas como fome, dor, fraqueza, sofrimento e morte; e (2) *propensões pecaminosas*, isto é, inclinações ou tendências para o pecado. Cristo assumiu as primeiras sem assumir as segundas. Ainda de acordo com o articulista, termos como *propensão*, *tendências*, *predisposição*, foram entendidos e empregados por E. G. White numa perspectiva idêntica a de um outro autor, Octavius Winslow, o qual seguiu a mesma linha de argumentação de Melvill. Recomendamos a leitura de todo o artigo, publicado em *The Ministry*, Dec. 1989, págs. 7 a 9.

Este fato confirma o que concluímos anteriormente. Que para a serva do Senhor a imaculabilidade e impecabilidade de Cristo não significam incolumidade às conseqüências do pecado. Portanto, dois importantes aspectos da natureza humana de Jesus são abordados pelo Espírito de Profecia, ambos imprescindíveis à nossa salvação. Por um lado Cristo é referido como o segundo Adão, o Homem representativo da nova humanidade, o pai da raça redimida, Aquele que significa a nossa segunda oportunidade, o Filho de Deus. Por outro lado Ele é o Filho de Maria, Aquele que não somente Se identifica conosco em nossas dores, conflitos e misérias, tornando-Se o nosso grande Ajudador, mas antes de tudo Aquele que tomou as nossas dores, que Se colocou em nosso lugar para arrostar a pena que nos estava reservada, tornando-Se assim o nosso Substituto e Redentor. "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido *sob a lei*, para resgatar os que estavam *sob a lei*, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos." (Gál. 4:4 e 5). O quadro, pois, se completa, e Jesus é colocado em Seu devido pedestal. Ele é tudo o que o homem carece, o Alfa e o Ômega, o Autor e Consumador da redenção, o grande Ideal e o grande Recurso deparado pelo Céu para que esse ideal seja alcançado. Temos então os dois lados de uma única moeda que se chama a natureza humana de Cristo. Observemos um terceiro grupo de citações que nos ajudam a estabelecer defi-

nitivamente o assunto. Grifamos novamente um ou outro ponto digno de destaque:

“Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido *enfraquecida* por quatro mil anos de pecado.” (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 41). No mesmo parágrafo ela firma que Cristo Se subordinou à lei da hereditariedade. O termo chave dessa citação é *humanidade enfraquecida*. Quanto às doenças, Cristo não as teve porque cumpriu à risca as leis de saúde. (Ver *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 35).

“Separada da presença de Deus, a família humana, a cada geração sucessiva, estivera se afastando mais e mais, da pureza, sabedoria e conhecimentos originais, que Adão possuía no Éden. *Cristo suportou os pecados e fraquezas da raça humana tais como existiam quando Ele veio à Terra para ajudar o homem. Em favor da raça, tendo sobre Si as fraquezas do homem caído*, devia Ele resistir as tentações de Satanás em todos os pontos em que o homem seria tentado.” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 267 e 268. Aqui é afirmado que Jesus não veio no vigor de Adão antes da queda. Ele assumiu uma natureza humana enfraquecida física, mental e espiritualmente pelo pecado, e venceu o inimigo nesta condição.

“É um irmão *em nossas fraquezas*, mas não em possuir idênticas paixões. Sendo *sem pecado*, Sua natureza recuava do mal.” (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 220). Aqui são apresentados os dois lados da moeda. “...em nossas fraquezas” implica condição pós-lapsariana, enquanto “sem pecado” implica condição pré-lapsariana. Cristo arcou com uma humanidade enfraquecida pelo pecado, mas moralmente era imaculado. João 14:30 afirma que o diabo não encontrou em Jesus qualquer correspondência às suas tentações. Mais algumas citações realçam o devido equilíbrio entre esses dois aspectos:

“Ele era *incontaminado pela corrupção, um estranho ao pecado* [condição pré-lapsariana]; contudo, orava, e freqüentemente com grande clamor e lágrimas. Orava por Seus discípulos e *por Si mesmo*, identificando-Se assim com nossas falhas, que são tão comuns à humanidade [condição pós-lapsariana]. Era um poderoso intercessor, *não possuindo as paixões de nossa natureza humana caída* [condição pré-lapsariana], mas *rodeado das mesmas fraquezas* [condição pós-lapsariana], tentado em tudo como nós. Jesus suportou a agonia que requeria

ajuda e apoio de Seu Pai.” (*Testimonies*, vol. 2, págs. 508 e 509).

“Ao tomar sobre Si mesmo a natureza do homem em Sua condição caída [condição pós-lapsariana], Cristo não teve a mínima participação em seu pecado [condição pré-lapsariana]. Não deveríamos ter nenhuma dúvida com respeito a *perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo* [condição pré-lapsariana].” (*SDABC*, vol. 5, pág. 1.131).

“Vestido nas vestimentas da humanidade, o Filho de Deus desceu ao nível daqueles a quem Ele desejava salvar. nEle não havia *qualquer mancha ou pecaminosidade; Ele foi sempre puro e imaculado* [condição pré-lapsariana]; entretanto tomou sobre Si *nossa natureza pecaminosa* [condição pós-lapsariana].” (*Review and Herald*, Dec. 15, 1898). É evidente nesta citação que “tomar nossa natureza pecaminosa” não significa que Ele adquiriu pecaminosidade. Na citação anterior é feita alusão à perfeita impecabilidade da natureza humana de Jesus.

“Ele nasceu *sem uma mancha de pecado* [condição pré-lapsariana], mas veio ao mundo de *maneira igual a da família humana* [condição pós-lapsariana].” (*Letter 97*, 1898, cit. em *Question on Doctrine*, pág. 657).

É óbvio que E. G. White afirma que Jesus Se subordinou às limitações impostas pelos efeitos do pecado na raça humana desde a queda, a partir da qual a natureza humana se foi tornando mais e mais enfraquecida. Tal natureza humana, assim afetada pelo pecado, foi assumida por Ele.

Mas ao mesmo tempo Ele não herdou a mancha do pecado, a inclinação para o mal que afeta a cada ser humano, e que costumamos chamar *natureza carnal ou pecaminosa*. Santidade plena e fragilidade de homem caído se fizeram presentes em Jesus Cristo. Esses dois aspectos de uma única natureza foram nEle combinados numa forma singular para capacitá-Lo a ser nosso Salvador. Fosse apenas imaculado e não participasse de nossa experiência como vítimas do pecado, e não poderia ser nosso Substituto e Ajudador. Participasse de nossas dores e não da imacularidade de Adão antes da queda, e não poderia ser o nosso Salvador. Teria de padecer por Si mesmo. “Não houve uma só gota de nossa amarga miséria que Ele não provasse, parte alguma de nossa maldição que não sofresse, a fim de que pudesse levar a Deus muitos filhos e filhas.” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 253).

O Espírito Santo em Romanos Oito

ALMIR A. FONSECA

Editor de "O Ministério"

No capítulo oito da Epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo parece sintetizar a obra do Espírito Santo. Ele menciona três aspectos importantes do trabalho que a Terceira Pessoa da Trindade realiza em nós.

A argumentação do apóstolo Paulo sobre a justificação pela fé, praticamente se encerra no capítulo oito da carta aos Romanos. Ao afirmar que "agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8:1), estava ele dando os arremates finais em um assunto que, mesmo sendo bíblico, e devendo por isso ser conhecido do seu povo, iria mexer com antigos conceitos religiosos do seu tempo e, bem mais tarde, com postulados religiosos da era cristã.

Nesses retoques finais do grandioso tema da justificação, Paulo discute o que em Romanos 8:5 ele denomina de as "coisas do Espírito", das quais diz, cogitam aqueles que se inclinam para o Espírito.

A fraseologia de Paulo é bem parecida com a que foi usada por Cristo, ao procurar explicar a Nicodemos o que se passa quando alguém nasce da água e do Espírito. "Se tratando de coisas terrenas não Me credes", ponderou Jesus àquele membro do Sinédrio, "como creis, se vos falar das celestiais?" (João 3:13). Para Jesus, havia "coisas" que diziam respeito a este mundo, e outras que se referiam ao Céu. Certamente, era a essas coisas "celestiais" que Paulo se referia como sendo "coisas do Espírito".

O simbolismo da habitação

Para tornar mais inteligível o assunto sobre o qual passa a falar com tanta profundidade, Paulo utiliza-se de algumas metáforas, das quais, a da habitação do Espírito na pessoa é a primeira. "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vós" (Romanos 8:9), escreve ele.

Os destinatários da carta de Paulo certamente não tiveram dificuldade em entender a figura que ele lhes sugeria. Cada um deles tinha, sem dúvida, a sua própria casa ou morava na casa de alguém, e entendia perfeitamente o simbolismo. Compreendiam, os leitores da carta, que o seu autor os estava comparando com um edifício, uma casa, cujo morador era o Ser divino do qual lhes falava.

A mesma ilustração, utilizou-a o apóstolo, quando se dirigiu aos coríntios. Também a estes lembrou Paulo: "Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (I Cor. 6:19). Se os romanos estavam ou não sendo lembrados dessa realidade de serem templos do Espírito, como o foram os coríntios, não sabemos; mas a metáfora era-lhes nitidamente inteligível.

Paulo só advertia os seus leitores para um fato: era preciso que realmente o Espírito Santo habitasse em seus corações. Era condição para que não mais fossem considerados como estando "na carne", que o Espírito "de fato" habitasse neles.

Em questões jurídicas, uma coisa que já nos pertence “de fato”, passa a pertencer-nos “de direito”, quando a legalizamos. No caso do Espírito Santo, embora já Lhe pertencamos “de direito”, visto sermos criaturas de Deus, não somos “de fato” Sua habitação, por haveremos entrado em inimidade com Deus e estarmos a serviço da carne. Paulo diz que devemos continuar pertencendo a Deus “de direito”, mas que o Espírito Santo deve ter consentimento para habitar “de fato” em nós.

Vivificação por meio do Espírito

Convenido de que os destinatários de sua carta haviam entendido a ilustração usada, da habitação do Espírito, o apóstolo Paulo passa agora aos resultados desse ato. “Se habita em vós o Espírito dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos”, explica ele (Rom. 8:11), “esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos, vivificará também os vossos corpos mortais, por meio do Seu Espírito que em vós habita.”

O autor da carta aos Romanos parecia estar escrevendo uma fórmula matemática. Para ele, habitação do Espírito na mente de uma pessoa era igual a vivificação do corpo mortal. Nessa fórmula, ele já aproveitava para dar a resposta à possível pergunta de seus leitores, quanto à certeza do que ele lhes afirmava.

Ao considerarem o que lhes diziam o apóstolo, seus destinatários poderiam eventualmente indagar: “Como podemos saber se isso é verdade? Que certeza teremos de que realmente assim acontecerá?” Pergunta que, aliás, já havia sido feita por Nicodemos, quando desejou saber de Jesus: “Como pode suceder isso?” (João 3:9), e também pela virgem Maria, ao interrogar o anjo Gabriel: “Como será isto...?” (Lucas 1:34). Cada uma dessas perguntas recebeu a devida resposta.

Paulo respondeu com o forte argumento da ressurreição de Cristo. “O Espírito dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos... vivificará também os vossos corpos mortais” (verso 11), assegurou ele.

O testemunho da ressurreição era-lhe

algo de singular importância. A tal ponto que, ao escrever aos coríntios, admitiu que sua pregação poderia ser considerada vã, e inútil a fé dos destinatários daquela carta, se Cristo não houvesse ressuscitado (I Cor. 15:14). Convém lembrar, ainda, que pelo fato de ter pregado a ressurreição, havia ele sofrido grandes humilhações. Jesus era, para o apóstolo, um Jesus vivo, e disso lhe dava certeza a experiência da estrada de Damasco.

Possuído dessa convicção, o autor de Romanos podia afirmar aos seus leitores que seriam vivificados. O poder “dAquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos” conservava ainda o mesmo vigor, e estava pronto para ser utilizado em comunicar vida a seus corpos, outrora mortos pela atividade do pecado.

Quando analisamos o que Paulo escreveu aos romanos, verificamos que a figura da habitação do Espírito Santo na pessoa é bem parecida com o simbolismo do novo nascimento por Cristo apresentado a Nicodemos, no Evangelho de João (cap. 3:1-15). Ao valer-se do símbolo do nascimento, Jesus falou de algo que, como a habitação, ocorre no interior, ou pelo menos tem neste uma de suas fases.

Iniciado com a fecundação, o nascimento é o resultado de um processo que termina com a vinda, ao mundo, de um novo ser, de uma nova criatura. O próprio Nicodemos, ao perguntar sobre a eventualidade de o homem voltar ao corpo materno depois de adulto, indicou que entendia o nascimento dessa maneira. “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? (João 3:4), interrogou o rabino.

A diferença entre o que Jesus dizia e o que Nicodemos perguntou, estava no emprego da figura do nascimento: Jesus lhe dava uma aplicação simbólica, enquanto o Seu interlocutor lhe atribuía um sentido literal; ambos, porém, concordavam em um ponto: nascimento era algo que começava no interior, fosse do corpo ou da mente.

Assim, o simbolismo utilizado por Paulo e o que Cristo usou, são análogos. No caso do novo nascimento, tem lugar um ser que foi gerado na mente; no caso da habitação do Espírito, surge um corpo vivificado.

Paulo dá, então, o passo seguinte. Fala agora, a respeito de ser o cristão guiado pelo Espírito. “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rom. 8:14). Houve habitação do Espírito, ocorreu a conseqüente vivificação, e agora a família começa a crescer! O apóstolo diz que baseados no espírito de adoção de filhos que recebemos, podemos clamar: “Aba, Pai” (verso 15). Tudo isso, levando os membros da família de Deus a uma relação de dependência.

Quando nos dispomos a deixar que alguém nos guie, estamos confessando nossa dependência de outra pessoa. O turista, está declarando que não é capaz de reconhecer sozinho os pontos turísticos que pretende visitar; o timoneiro, que não se atreve a entrar no porto sem a ajuda de um prático; a dona-de-casa, que se sente mais segura se utilizar as receitas culinárias que já foram testadas.

É precisamente essa dependência que passamos a ter, quando somos guiados pelo Espírito Santo. Dependência que é ainda maior, quando se trata de filhos em tenra idade, a fase da vida à qual parece referir-se o apóstolo. Paulo sugere estar pensando, não em pessoas adultas, mas em filhos que ainda dependem do cuidado dos pais, filhos indefesos. E quem de nós não o é?

Ao comentar frases do Pai Nosso, diz o livro *O Maior Discurso de Cristo*, págs. 105 e 106: “Se chamais a Deus vosso Pai, vós vos considerais Seus filhos, para ser guiados por Sua sabedoria, e ser obedientes em todas as coisas, sabendo que Seu amor é imutável. Aceitareis Seu plano para vossa vida. Como filhos de Deus, mantereis, como objeto de vosso mais elevado interesse, Sua honra, Seu caráter, Sua família, Sua obra. Tereis regozijo em reconhecer e honrar vossa relação com o Pai e com cada membro de Sua família. Alegrar-vos-eis em praticar qualquer ato, embora humilde, que contribua para Sua glória ou bem-estar de vossos semelhantes.”

Assistência e intercessão

O terceiro passo do qual trata o apóstolo é o da assistência e/ou intercessão. Ele havia tratado da habitação do Espírito em nós, com a conseqüen-

te vivificação; da guia do Espírito que, como resultado, caracteriza a dependência e a filiação; e agora, discorre sobre a assistência do Espírito. “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza” (Rom. 8:26), prossegue ele.

O advérbio “semelhantemente”, aqui empregado, sugere que, como nos casos da habitação e da guia, a assistência e a intercessão são, também, funções do Espírito. O escritor da epístola esclarece que funções são estas. “Porque não sabemos orar como convém”, diz ele, “mas o mesmo Espírito (que habita e que guia) intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis” (verso 26, úl. parte).

A assistência e a intercessão do Espírito Santo, por conseguinte, têm a finalidade de tornar aceitáveis as nossas orações a Deus. Crianças espirituais que somos, nossos pedidos a Deus poderiam trazer-nos resultados adversos, caso fossem atendidos pura e simplesmente como os fazemos. Com a assistência do Espírito, porém, nossas orações são feitas corretamente.

A oração pode ser feita com sinceridade e com palavras simples e, todavia, não ser atendida; pois se o fosse, a resposta poderia contribuir para nossa infelicidade.

Conhecemos o caso da oração do filho do Pastor Bullón, narrada no livro “Conhecer Jesus É Tudo”, de autoria desse querido pastor. Segundo ele, com a sinceridade que lhe era peculiar, o menino orou, dizendo a Jesus que estava triste, porque só havia “planta” para comer, naquela refeição.

Sincera como possa parecer, essa oração infantil poderia ter-se transformado numa súplica de resultados até prejudiciais, caso as “plantas” tivessem sido substituídas por algo quicá mais saboroso e, contudo, menos nutritivo, ou mesmo danoso à saúde. Estamos certos, porém, de que as verduras continuaram à mesa, para o bem da criança e dos demais membros da família. O garoto e seus familiares necessitavam dos sais minerais e outros nutrientes contidos naquelas hortaliças.

Se o Espírito habita em nós, se nos guia e nos assiste com intercessores gemidos em nosso favor, a falta de sabedoria ao orarmos desaparece. Nossas preces vão à presença de Deus nas salvas de ouro do sangue de Cristo, e a vida se enriquece com as bênçãos dos frutos espirituais. O objetivo de nosso Pai celestial — sermos “conformes à imagem de Seu filho” (Rom. 8:29) — será finalmente atingido.

Sinais Vitais de Crescimento e a Igreja Adventista - I

DANIEL J. RODE

Faz doutorado em missão em Pasadena, Califórnia

O autor apresenta, numa série de três artigos, sete sinais vitais enumerados pelo Dr. Peter Wagner, autoridade em crescimento de igreja. Neste número, aparecem apenas os dois primeiros desses sinais.

O primeiro sinal vital apresentado por Wagner, é: “Um pastor idealizador de possibilidades, e cuja liderança dinâmica foi usada para catalizar todas as atividades da igreja numa ação de crescimento”. Podemos ver isso nas igrejas grandes e em desenvolvimento, como a Catedral de Cristal em Garden Grover, Califórnia, na qual se distingue a figura de Robert Schuller, um pensador de possibilidades, ou qualquer dos líderes das vinte igrejas maiores do mundo. Por exemplo, a Igreja Central do Evangelho Completo em Seul, Coréia, tem à frente outro grande líder: Paul Yonggi Cho. Os líderes dessa igreja acham que os pequenos grupos são canais apenas para o crescimento, mas a grande razão está na fé de sua equipe de pastores, nas orações atendidas e na obra do Espírito Santo. Não há dúvida de que em cada caso de crescimento especial, destaca-se a figura de um líder que, como diz Wagner, “deseja que a igreja cresça, e está disposto a pagar o preço. Um desses preços a pagar são os grandes pastorados.

Grandes pastorados. — O Dr. Schuller, um dos consultores sobre crescimento de igreja, destacado escritor e que, além do mais, observou e estudou mais de 4.000 igrejas, diz que é “raro encontrar uma igreja grande que tenha experimentado cres-

cimento numérico significativo e tenha mantido esse crescimento, sem os benefícios de um pastorado numeroso”. Naturalmente, um grande pastorado exige um elevado preço a pagar: mais estudo, mais dedicação, uma programação mais elaborada que produza um crescimento mais sólido e durável, etc., etc.

Organização para crescer. — Os apóstolos começaram pela organização do diaconato, a fim de impedir que fossem desviados de sua ocupação principal que traria o desenvolvimento da igreja, e alcançaram êxito notável (Atos 6:1-7). Essa tem sido a luta constante através dos tempos. Foi esse o preço que estiveram dispostos a pagar os que quiseram, e os que querem, manter-se na liderança em favor do crescimento e não nos pormenores da administração eclesiástica. Esse é também o preço que está disposto a pagar o pastor da igreja que frequenta em Missão Hills, São Fernando Valley, Califórnia. Uma semana antes de esse trabalho ser escrito, ele solicitou à comissão que indicasse um “administrador” da igreja, a fim de que pudesse dispor de tempo suficiente para estar presente numa reunião em favor do crescimento. Esta é uma das muitas decisões em prol do crescimento, que o Pastor Velino Arturo Zalazar está tomando e que o caracterizam como um pastor com traços do primeiro sinal vital. Não é de admirar, portanto, que sua igreja tenha alcançado, nestes últimos cinco anos, um dos mais altos índices de crescimento em sua história: 295% TCD (Taxa de Crescimento em Década), ou 99% de crescimento direto. A igreja passou de 244 membros em 1985, para 485 membros em 1990.

Oosterwal, estudioso do crescimento Adventista, descobriu que em geral os pastores usam 80% do seu tempo em pormenores, e apenas 15 a 20% naquilo que faz a igreja crescer (estudo, meditação, visitação, preparo de sermões e dos membros leigos, etc.). Isto “tem relação direta com a falta de crescimento em muitas igrejas”. O mesmo autor observou que as igrejas adventistas locais, que crescem, têm “um pastor cujos sermões são relevantes no contexto em que vivem os crentes e cujo trabalho é orientado no sentido de arrolar os membros no evangelismo e crescimento da igreja”. Wagner ilustra graficamente isto da seguinte maneira:

Potencial de Crescimento

Pastor Como Líder

Igreja Como Líder

Quanto mais tempo o pastor passa na liderança em prol de crescimento e menos na administração dos pormenores, mais a igreja cresce; pois está sendo liderada com vistas ao maior ministério de todos os crentes. Quanto mais tempo o pastor dedicar à liderança dos ministérios de cada crente, menos tempo poderá passar em ministrar sozinho, e mais ministérios serão realizados pela igreja. Ver diagrama. As pesquisas de Wagner nos dizem que quando isto acontece, as igrejas crescem mais.

Potencial de Crescimento

Pastor Como Ministro

Igreja como Ministro

Naturalmente, não queremos dizer que os irmãos não tenham necessidade de exercer liderança ou que os pastores devam ser autocráticos em lugar de democráticos. Antes pelo contrário. Num estudo feito em 1984, com 219 diferentes igrejas adventistas dos Estados Unidos, descobriu-se que os pastores autocráticos tinham a tendência de crescer menos e ter menos assistência do que os pastores democráticos. Os líderes que fazem as igrejas crescerem, dedicam-se mais à liderança em prol do crescimento e, se dividirem corretamente essa liderança com a igreja, em geral as igrejas permanecem mais tempo no ministério do que na liderança.

Por outro lado, um dos seis fatores de crescimento de igreja, identificados por Monte Sahlin no estudo de 8.000 membros de igreja, tem que ver com este primeiro sinal vital de Wagner. Sahlin a ele se refere da seguinte maneira: “Intencionalidade. O pastor focalizado no crescimento de igreja. A comissão da igreja estabelece um plano para o crescimento. Os membros querem crescer, ver sua igreja como ganhadora de almas, e sentem que seu pastor dá grande prioridade ao evangelho.” Em outras palavras, o pastor deve ser o líder cheio de fé, planejador, que sonha com um futuro melhor para a igreja, que pensa no futuro e tem a habilidade de contagiar os membros com esses sonhos. Wagner diz que “os pastores de superigrejas que ele conhece têm, todos, este dom (da fé); alguns os chamam de visionários, sonhadores ou promotores”. Em seguida, Wagner cita como exemplo Robert Schuller com sua visão de uma Catedral de Cristal com 10.000 pedaços de vidro, formada com um diamante.

Indubitavelmente, quando se fazem grandes coisas numa igreja é porque alguém já as imaginou ou as sonhou primeiro. Sonhe o crescimento de sua igreja; sonhe grandes coisas para que seus atos possam ser elevados e sua igreja possa crescer mais. Mas os seus sonhos devem ser realistas e em harmonia com o Espírito Santo, para que possa concretizá-los no ritmo que o Céu espera ver sua igreja caminhar. Pastor de certa igreja na Argentina, eu sonhava com três congregações naquela cidade. Ao concluir meu pastorado naquele lugar, Deus me deu a alegria de ver cristalizado aquele sonho. As igrejas que mais crescem têm “um pastor que pensa em possibilidades cuja liderança dinâmica é usada para catalizar as atividades da igreja numa ação conjunta em favor do crescimento”. Procure ser um deles, mesmo que no começo não possa ver os resultados. Contudo, posso assegurar-lhe que finalmente verá um sólido e constante crescimento.

Segundo Sinal

O segundo dos sinais vitais que estamos analisando é “um laicato bem mobilizado, que descobriu, desenvolveu e está usando todos os dons espirituais para o crescimento”. Em outras palavras, e usando o segundo princípio de crescimento proposto por Wagner

em seu livro "Leading Your Church to Growth", "as pessoas devem querer que a igreja cresça e devem estar dispostas a pagar o preço". O preço principal a pagar é ocupar o lugar que Deus tem para cada um na igreja, e que é determinado pelos dons e aptidões que Deus nos deu.

A igreja tem hoje recursos infinitos para terminar sua Obra. Ralph Winter lembra-nos que embora a tarefa cristã seja hoje quatro vezes maior do que em 1900, os recursos para realizá-la são quarenta vezes superiores. Esses recursos são especialmente os dons que o Espírito Santo confiou a cada crente em cada igreja, e com os quais espera Deus terminar a Sua Obra. Wagner, por exemplo, diz que "raiar do Ano 2000: 7 Milhões de Igrejas" é um plano para catalizar as estruturas das igrejas em um esforço para libertar os poderes espirituais latentes nas igrejas. Estes são os dons do Espírito Santo que, despertados, poderão trazer a explosão de crescimento já profetizada e que será maior do que a primeira, produzida pelo Espírito Santo na época do Pentecostes, em Jerusalém, no 1º século.

Magnitude da tarefa. — Medford H. Jones, inovador em missão que, entre outras coisas, dirigiu campanhas evangelísticas em 35 Estados dos Estados Unidos, diz "que obreiros preparados precedem crescimentos vigorosos". A igreja deve liberar esse poder adormecido dos dons e prepará-los para uma missão mais eficaz. Voltamos aos diagramas 2 e 3 para dizer que quando o pastor dedica mais tempo a liderar do que a ministrar e a igreja menos a liderar e mais em ministrar, o crescimento é maior.

Em nível mundial da Igreja Adventista, Oosterwal mostrou que as igrejas locais que crescem, têm sete características e uma delas tem o que ver com os leigos usando seus dons, e diz: "Um ministério diversificado, completo e bem planejado (proclamação e serviço por preceito e exemplo)". Em 1976 o mesmo autor já havia chegado a uma conclusão óbvia "a de que os leigos são o mais importante e simples fator do crescimento da Igreja Adventista". Para o laicato, eficiente é aquele que testifica espontaneamente, dando a conhecer uma experiência pessoal no viver diário, no trabalho e em cada contato social; e não

tanto uma tarefa organizada. Daí a importância, por exemplo, da literatura que é levada cada sábado pelos irmãos, e outros recursos que ajudam a confirmar esse testemunho espontâneo.

Também são fundamentais para a colheita deste testemunho as grandes celebrações da igreja, nas quais os membros podem levar os interessados. Por isso, é grandemente importante o primeiro sinal vital de um pastor orientado no sentido do crescimento com os dons da visão e da liderança. Dayton e Frazer dizem que uma chave é que o reconhecimento do dom espiritual da liderança permita coordenar as forças de Deus para o crescimento.

A título de exemplo, na DNA observou-se uma íntima relação entre as igrejas que crescem e a quantidade de membros ativos nestas. Por outro lado, nas duas Divisões maiores da Igreja Adventista, a Interamericana e a Sul-Americana, verificou-se que a ativa participação dos leigos é a principal razão de seu crescimento fenomenal.

Prevenção Contra a Apostasia

Elmer Towns, escritor que trata do crescimento de igreja e é especialista em escolas dominicais e grandes igrejas, afirma que quem entra na igreja mudará de grupo até encontrar um lugar no qual se sinta parte dela. Se não o encontrar, tornar-se-á um membro esporádico, irá para outra igreja ou a abandonará. Por essa razão, a rápida localização dos novos membros é vital. Estudos do crescimento de igreja têm demonstrado que se a congregação não der ao novo membro um envolvimento ou atividade a desempenhar, ou não lhe indicar um grupo ao qual unirse no seu primeiro ano, os membros serão inativos e apostatarão, retardando assim grandemente o crescimento da igreja. Quanto mais rápida for a integração do membro, tanto menor será o grau de apostasia. Donald McGavran já demonstrou, faz anos, qual o propósito central das missões. Não só encontrar o homem e a mulher perdidos e reconciliá-los com Deus e consigo mesmos, mas trazê-los para a igreja e torná-los membros responsáveis desta.